FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA

Caderno 2: De onde vem o racismo?

FILME
Racismo: uma história

SINOPSE**:** O documentário **Racismo: uma história** (direção David Olusoga) foi produzido pela BBC (Emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido), em 2007, em comemoração ao bicentenário do Ato contra o Comércio de Escravos de 1807 e conta a trajetória da escravidão e do racismo, desde o seu início até os dias atuais. Além disso, aborda o legado deixado pelo racismo e pelo escravismo ao longo dos séculos. Divide-se em três partes, de aproximadamente 60 minutos cada. O documentário está disponível na íntegra no youtube.

A primeira parte, "A cor do Dinheiro", examina as atitudes que têm imperado em diversos períodos para conseguir marcar uma diferença entre humanos, com estudos dos escritos de alguns dos mais importantes filósofos e historiadores do Iluminismo, análises de implicações das palavras do Antigo Testamento, incluindo a importância de "A maldição de Canaã (ou Can)", entre outros.

A segunda parte, "Impactos Fatais", traz a análise da forma como, no século XIX, se apoiava o significado do racismo com ideias científicas, com o intuito de lhe conferir credibilidade.

Já a terceira parte, "Legado Selvagem", mostra a evolução do racismo até à atualidade, examinando genocídios do século XX, o *apartheid* sul-africano e o estadunidense, o livro "The Bell Curve" ("A Curva do Sino", publicado nos EUA em 1994) – que gerou polêmica ao afirmar que os brancos eram mais inteligentes que os negros –, e encerra com a reflexão sobre os padrões da desigualdade que permanecem hoje.

Racismo científico, darwinismo social e eugenia

O trecho do documentário ***Racismo: uma história*** que assistiremos tem duração de 52 minutos e traz imagens de arquivo e depoimentos de professores de universidades britânicas e africanas, mostrando um painel histórico do racismo.

Disponível no youtube:
https://youtu.be/1Mv_LywSVys

FIQUE ATENTO!

As teorias pseudocientíficas, que "provavam" a inferioridade de determinadas "raças", tiveram grande influência no Brasil. Com a República (1889), a ideia de um "branqueamento" da sociedade brasileira, promovido principalmente pela substituição da mão de obra escrava e negra por colonos europeus, ganhou força.

FUNDAÇÃO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Quando a Namíbia conquistou a independência, em 1990, a principal avenida da sua capital continuou chamando-se Göring. Não por Hermann, o célebre chefe nazista, mas em homenagem ao pai dele, Heinrich Göring, que foi um dos autores do primeiro genocídio do século XX.

Aquele Göring, representante do império alemão nesse país africano, havia tido a bondade de confirmar, em 1905, a ordem de extermínio dada pelo general Lothar von Trotta.

Os hererós, negros pastores, tinham-se alçado em rebelião. O poder colonial expulsou a todos, e advertiu que mataria os hererós que encontrasse na Namíbia, homens, mulheres ou crianças, armados ou desarmados.

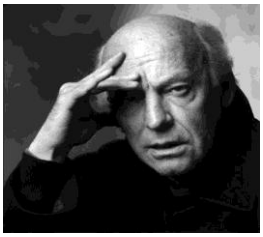
De cada quatro hererós, morreram três. Foram abatidos pelos canhões ou pelos sóis do deserto onde os jogaram.

Os sobreviventes da carnificina foram parar nos campos de concentração, que Göring programou. Então, o chanceler Von Bülow teve a honra de pronunciar pela primeira vez a palavra *Konzentrationslager*.

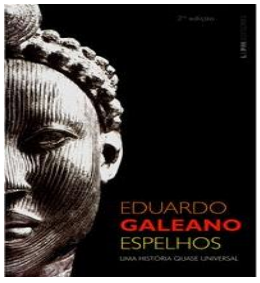
Os campos, inspirados no antecedente britânico da África do Sul, combinaram o isolamento, o trabalho forçado e a experiência científica. Os prisioneiros, que exauriam suas vidas nas minas de ouro e diamante, eram também cobaias humanas para a pesquisa de raças inferiores. Naqueles laboratórios trabalhavam Theodor Mollison e Eugen Fischer, que foram mestres de Josef Mengele.

Mengele pôde desenvolver suas lições a partir de 1933. Naquele ano, Göring filho fundou os primeiros campos de concentração na Alemanha, seguindo o modelo que seu pai havia ensinado na África.

Eduardo Galeano. *Espelhos – uma história quase universal*, p.226.



Eduardo Galeano foi um jornalista e escritor uruguaio, nascido na cidade de Montevidéu-Uruguai, no dia 3 de setembro de 1940. E. Galeano é autor de inúmeras obras que, através de gêneros variados (ensaio, narração, crônica, poesia) recolhe memórias e personagens muitas vezes esquecidos na história. Dentre suas obras destacam-se: "As Veias Abertas da América Latina", a trilogia "Memória do fogo" e "Espelhos". Faleceu em Montevidéu, no Uruguai, no dia 13 de abril de 2015.



Espelhos - Uma História Quase Universal. Nesta obra Galeano analisa a história da humanidade – sob a ótica dos desvalidos, dos esquecidos da história oficial. Em tom de crônica poética, o livro traz um inquietante panorama de acontecimentos e de transformações do mundo, misturando o passado e o presente. São quase 600 histórias breves que, segundo o próprio autor, proporcionam ao leitor viajar através de todos os mapas e de todos os tempos, sem limites, sem fronteiras.

RACISMO: UMA HISTÓRIA – DOCUMENTÁRIO

por Joelza Ester Domingues

Produzido pela BBC, em 2007, o vídeo "Racismo: uma história" tem a direção de David Olusoga, historiador britânico-nigeriano e documentarista premiado. Seus trabalhos para rádio e televisão têm explorado os temas do colonialismo, da escravidão e do chamado "racismo científico". O documentário inicia-se com a imagem de esqueletos espalhados sobre a areia do deserto da Namíbia: lembrança do genocídio da população nativa pelo racismo dos colonizadores alemães. Apresentando imagens de arquivos e depoimentos de professores de universidades britânicas e africanas. O vídeo traça um amplo painel histórico do racismo do século XIX chegando até meados do século XX.

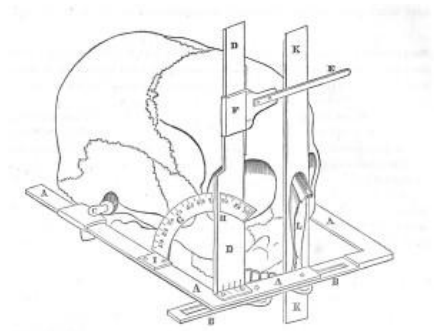
Desde as primeiras décadas do século XIX, ocorreram massacres contra populações nativas consideradas "inferiores". Entre 1820 e 1832, a chamada "Guerra Negra" movida pelo racismo dos britânicos contra os aborígenes da Tasmânia, levou ao extermínio dos **aborígenes**. Na mesma época, fatos semelhantes ocorriam na África do Sul, no Canadá e na Argentina.

TEORIAS RACISTAS

Em 1840, a obra do anatomista escocês Robert Knox, *Races of men* (Raças de homens) forneceu fundamentos para o racismo e justificou o extermínio:

> "A raça é tudo: literatura, ciência, arte, em uma palavra, a civilização, depende dela. As raças negras podem ser civilizadas? Eu devo dizer que não. (…) A **raça saxônica** jamais as tolerará, jamais se miscigenarão, jamais viverão em paz. É uma guerra de extermínio". (Roberto Knox, 1840).

Por essa época, nos Estados Unidos, o anatomista Samuel George Morton, estudando os crânios de diferentes etnias concluía que a capacidade craniana determinava a capacidade intelectual e que os **caucasianos** por terem os maiores cérebros eram, portanto, mais inteligentes. Abaixo deles vinham os índios e, por último, os negros.



Medição do crânio, desenho de Samuel G. Morton, 1839.

Morton usou essas "evidências" para defender a ideia de que o ser humano não tinha tido uma origem comum. Afirmava com racismo que cada raça fora criada separadamente e a cada uma foi dada características específicas e irrevogáveis. Assim, para ele, tasmanianos, africanos e índios americanos talvez nem chegassem a ser totalmente humanos.

DARWINISMO SOCIAL E EUGENIA

A obra de Charles Darwin, *A origem das espécies*, de 1859, com sua teoria da evolução natural, acabou servindo de álibi para justificar a expansão global da raça britânica. As ideias de Darwin foram usadas para explicar as sociedades humanas dando origem ao **darwinismo social** baseado na tese de que somente os mais aptos, os "superiores" vencem. Os "perdedores" estavam fadados a desaparecer. Muitas dessas raças 'inferiores" seriam apenas lembradas como curiosidades, peças empalhadas em museus de Antropologia.

O cientista inglês Francis Galton, baseando-se na obra de seu primo Charles Darwin, propôs a seleção artificial para o aprimoramento da população humana através de casamentos seletivos entre brancos, unicamente. Nascia a **eugenia**, termo criado por Galton, em 1883, significando "bem nascido". Suas ideias tiveram enorme repercussão e foram elogiadas no meio científico.

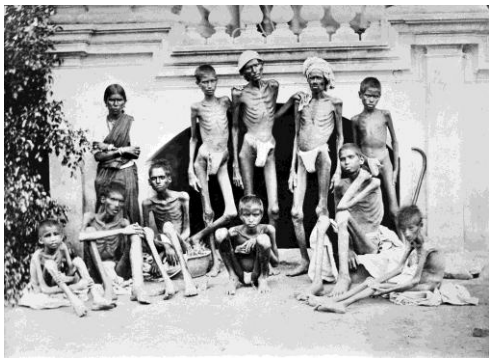
A eugenia parecia ser a solução para reverter o desequilíbrio social que, na época, ocorria, na Inglaterra. O forte crescimento demográfico das classes pobres frente à diminuição das classes mais ricas e cultas gerou o temor de uma "degeneração biológica". Entre 1880 e 1930, a eugenia logo se transformou num movimento que angariou inúmeros adeptos entre a maioria dos cientistas e principalmente entre a população branca. Serviu de justificativa para o racismo e a repressão policial contra operários e os mais pobres. Falava-se em "raças criminosas".

Pregações dos missionários cristãos de que "somos todos irmãos" foram vistas como ideias ultrapassadas. O poema "O fardo do homem branco", de Rudyard Kipling, passou a ser considerado um romantismo obsoleto.

A GRANDE FOME NA ÍNDIA BRITÂNICA

As teorias do racismo foram aplicadas não somente nas novas colônias, mas também nas partes antigas do Império Britânico. Entre 1876 e 1878, a Índia foi afetada pelo fenômeno climático hoje conhecido como El Niño. As monções não vieram e a seca destruiu os cultivos. A população rural consumiu todas suas reservas alimentares e a fome se alastrou pelo país. Cerca de 8 milhões de camponeses indianos morreram de fome.

O que agravou a tragédia foi o fato dos britânicos terem desmantelado a agricultura tradicional que, durante séculos, evitava que a escassez se transformasse em fome. Os britânicos forçaram os agricultores indianos a plantarem trigo e algodão em larga escala para exportação acabando com a agricultura familiar de subsistência. Para o vice-rei da Índia, Lord Robert Bulwer Lytton, a morte de milhões de agricultores pobres nada mais era do que parte da "seleção natural" em que sucumbiam os mais fracos. Ignorando a tragédia e sucumbindo ao racismo, Lytton concentrou-se nos preparativos da grandiosa festa de coroação da rainha Vitória como imperatriz da Índia, ocorrida em 1877.



Fome na Índia, 1876-1878.

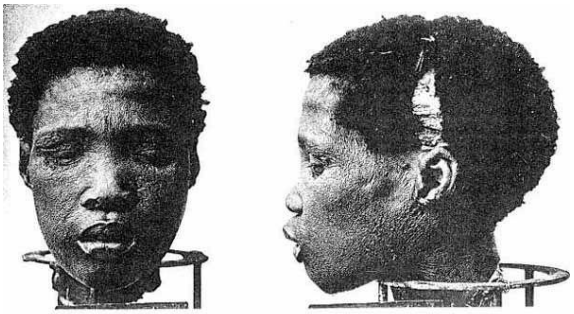
NAMÍBIA

Darwinismo social, eugenia e racismo científico serviram de justificativa para o que ocorreu na Namíbia, colônia alemã na África. Em 1904, o povo nativo se rebelou contra a brutalidade das autoridades alemãs. Em resposta, os alemães aprisionaram e escravizaram os **hererós** e **namaquas** em campos de concentração.

Somente na ilha de Shark, cerca de 3.500 indivíduos foram exterminados. Entre 1904 e 1907, o massacre extinguiu 80% da população nativa além da prática de tortura e do abuso sexual às mulheres sobreviventes.

O genocídio dos hererós e namaquas foi o primeiro do século XX e é precursor do extermínio que ocorreu no período nazista. Nessa época, o cientista alemão Eugen Fischer, defensor da eugenia, pesquisava a população de Rehoboth, pequena aldeia situada ao norte da Namíbia. Interessava-lhe encontrar provas de "degeneração racial" entre os 3.000 nativos miscigenados, isto é, nascidos de uniões mistas de alemães com africanos. Sua proposta para deter o avanço da "degeneração" era a esterilização dessa população.

Execução dos hererós, Namíbia, 1907



Cabeça de hereró proveniente da ilha de Shark usada para estudo.

O EUGENISMO NOS ESTADOS UNIDOS

O movimento eugenista ganhou força em 1912 com a realização do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, em Londres. As ideias eugenistas ganharam adeptos em vários países da Europa, Ásia, América Latina e, principalmente nos Estados Unidos e na Alemanha.

Em 1910, Charles Davenport, professor de Zoologia da Universidade de Chicago, obteve financiamento de grandes empresas americanas para fundar o Escritório de Registros de Eugenia (Eugenics Record Office, ERO) que teria a função de organizar a coleta de dados familiares.

O movimento eugenista nos Estados Unidos crescia no mesmo período em que começavam a chegar levas de imigrantes do sul e do leste da Europa. Para os eugenistas, tornou-se importante proteger "seus estoques genéticos populacionais dos degenerados e socialmente indesejados", isto é, deficientes mentais, criminosos, delinquentes, deficientes físicos, infectados com doenças contagiosas etc.

Em 1930, leis de esterilização haviam sido aprovadas em 23 estados norte-americanos. Em 1938, mais de 30 mil pessoas haviam sido esterilizadas involuntariamente. Casamentos inter-raciais foram proibidos em 27 estados.

ALEMANHA NAZISTA

Fundações americanas, como a Fundação Rockfeller, financiaram o desenvolvimento da eugenia alemã. Sob as ordens do governo nazista, Eugen Fischer, o mesmo que trabalhara na Namíbia, foi autorizado a esterilizar afro-alemães.

Tratava-se de uma minoria, entre 500 e 800 indivíduos, descendentes de alemães colonizadores e missionários que residiram nas colônias alemães da África e tiveram filhos com mulheres nativas. Após a Primeira Guerra Mundial, com a perda do império colonial alemão, alguns desses colonos voltaram à Alemanha com suas respectivas famílias. Essa população foi esterilizada incluindo 400 crianças e doentes mentais. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em 1939, o governo nazista abandonou o programa de esterilização pelo extermínio daqueles considerados "indesejados" para a "pureza racial ariana". O racismo nazista pode ser visto, dessa forma, como parte de um processo histórico mais longo que se desdobrava havia um século.

Fonte: http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/racismo-uma-historia-documentario/

GLOSSÁRIO:

Aborígenes: faz referência a alguém originário do solo em que vive. Nativo do país.

Caucasianos: o termo raça caucasiana (também chamado de caucasoide) tem sido usado para denotar o tipo físico geral de algumas ou todas as populações da Europa, Norte da África, Chifre da África, Ásia Ocidental (Oriente Médio), Ásia Central e Sul da Ásia.

Hererós: nativos do sudoeste de Angola, na África, os hererós são um povo de história milenar que preza pelos ensinamentos familiares e pela passagem de conhecimento e de costumes de uma geração para outra. Hoje restam apenas 240.000 pessoas deste grupo e que habitam as regiões da Namíbia, Botswana e uma parte muito limitada do território da Angola.

Namaquas: grupo étnico do sudoeste da África cujo território atual está repartido pela África do Sul, Namíbia e Botswana . Durante a segunda revolta (entre 1904 e 1907) ocorreu um genocídio e mais de metade do povo nama foi dizimado. O chefe mais importante estava entre os mortos. Como punição pela revolta, o governo colonial confiscou as terras desse povo.

Raça Saxônica: Refere-se aos países do continente americano que tem como principal idioma o inglês e que possui laços históricos, étnicos, linguísticos e culturais com o Reino Unido.

PARA SABER MAIS...

- Sobre o povo hereró

http://www.redeangola.info/hereros/ - site com fotos, vídeos e informações sobre a cultura e o modo de vida dos hererós.

- Sobre a história da Namíbia

http://www.rhinoafrica.com/pt/namibia/historia-da-namibia - breve relato da história da Namíbia e o impacto da colonização europeia.

FUNDAÇÃO CIENTÍFICA DO RACISMO

Raça caucasiana se chama, até hoje, a minoria branca que ocupa o topo das hierarquias humanas.

Assim foi batizada, em 1775, por Johann Friedrich Blumenbach.

Este zoólogo acreditava que o Cáucaso era o berço da humanidade, que dali provinham a inteligência e a beleza. O termo continua sendo usado, contra toda evidência, nos nossos dias.

Blumenbach havia reunido 245 crânios que fundamentavam o direito dos europeus a humilhar os demais.

A humanidade formava uma pirâmide de cinco andares.

Lá no alto, os brancos.

A pureza original havia sido arruinada, andares abaixo, pelas raças de pele suja: os nativos australianos, os índios americanos, os asiáticos amarelos. E debaixo de todos, deformados por fora e por dentro, ficavam os negros africanos.

A ciência sempre situava os negros no porão.

Em 1863, a Sociedade Antropológica de Londres chegou à conclusão de que os negros eram intelectualmente inferiores aos brancos, e que só os europeus tinham a capacidade de *humanizá-los* e *civilizá-los*. A Europa consagrou suas melhores energias a essa nobre missão, mas não teve sorte. Quase um século e meio depois, no ano de 2007, o norte-americano James Watson, prêmio Nobel de Medicina, afirmou que está cientificamente demonstrado que os negros continuam sendo menos inteligentes que os brancos.

Eduardo Galeano. *Espelhos – uma história quase universal*, p.40.

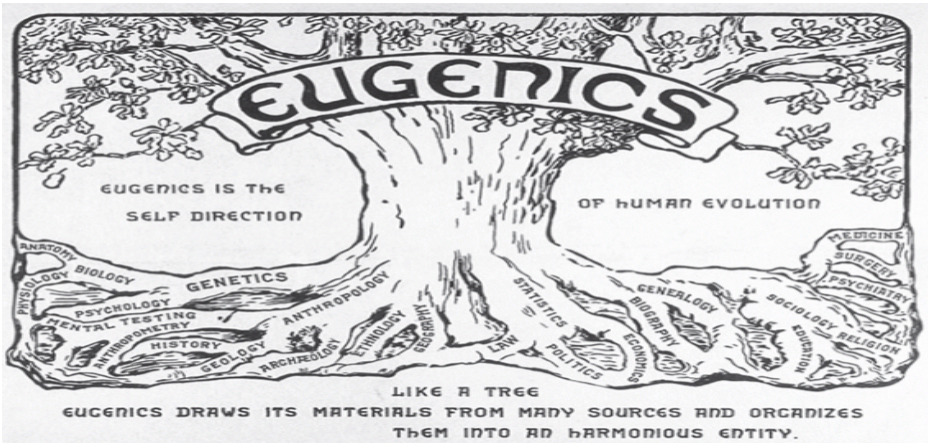
EUGENIA

Segundo Francis Galton (1822-1911), Eugenia é "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente". Criada por Galton no século XIX, a eugenia propunha-se como uma ciência que estudava as condições propícias para o melhoramento da raça humana, assim, deveria eliminar o que fosse ruim e ressaltar o que fosse bom. Mas como escolher o que é 'bom' e o que é 'ruim'? As teorias da época foram várias, mas todas convergiam em um aspecto: os povos não-europeus eram menos evoluídos e deveriam ser o 'ruim'. Apoiada nas leis de Mendel e em algumas teorias antigas de sociedades melhoradas (principalmente Platão) a Eugenia foi largamente aceita no mundo todo e serviu de justificativa para várias ações imperialistas e discriminatórias nos séculos XIX e XX. O homem branco era considerado melhor que os outros em todos os aspectos, e deveria levar a "luz" da sua civilidade para os povos que viviam no "escuro", desse modo, vários países foram colonizados e suas populações dizimadas e/ou humilhadas. O ato de levar a luz para os menos evoluídos era conhecido como o "fardo do homem branco", algo que o branco deveria carregar, como um grande peso.

ÁRVORE DA EUGENIA

A história da eugenia pode se servir da metáfora da árvore e de seu paradigma. Uma árvore frondosa, repleta de galhos e folhas. Seu tronco é firme e grande. Nas raízes estão as disciplinas que contribuem para dar embasamento e estrutura à eugenia. Na imagem da árvore da eugenia, indiretamente, percebe-se que suas "raízes" querem dizer alguma coisa que não está dita à primeira vista. Genética, antropologia, estatística, genealogia, biografia, medicina, psiquiatria, cirurgia, economia, leis e testes mentais figuram entre as disciplinas dispostas nas raízes dessa árvore eugênica. Aí estão as ciências que necessitam, de uma maneira ou de outra, da planificação dos dados, do esquadrinhamento, da categorização e da experiência empírica para comprovar seus dados, as conhecidas ciências objetivas.

Ao falar da árvore da eugenia, é possível remeter o leitor ao símbolo do Segundo Congresso Internacional de Eugenia, realizado no ano de 1921, em Nova York, Estados Unidos, e à imagem encontrada no livro *Sexo e Civilização*, do médico eugenista brasileiro Renato Kehl. A logo da árvore eugênica, traz consigo os seguintes dizeres: "Como a árvore, a eugenia extrai sua matéria-prima de diversas fontes e organiza-as numa entidade harmoniosa" e o título: "A eugenia é o próprio sentido da evolução humana".



Fonte: DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo*, 2013 (adaptado)

EUGENIA NO BRASIL E POLÍTICA IMIGRATÓRIA

por Pietra Diwan

Nos anos 1920 houve o declínio da imigração europeia e o incremento da imigração asiática ao Brasil, atingindo uma média de 50 mil imigrantes asiáticos no ano de 1929. Esse declínio da imigração europeia passou a preocupar os eugenistas, pois o incentivo a esse tipo de imigração após a abolição da escravidão, em 1888, significou o investimento no projeto de branqueamento racial do povo brasileiro. Mais de 1,5 milhão de imigrantes brancos entraram no país em 1889 e 1920.

O desenvolvimento de políticas públicas que controlassem a composição racial brasileira espelhava o empenho dos eugenistas e dos representantes do governo interessados na "elevação da pátria". Como afirmou Mario Pinto Serva, responsável pela elaboração do primeiro Código Eleitoral brasileiro, em 1932, e um desses "evangelizadores": "O Brasil está feito. Quando perguntamos nós, poderemos dizer, – também o brasileiro?". Tal afirmação mostra o quanto o brasileiro, entendido aqui como povo, pode ser construído, manipulado e moldado, na opinião dos eugenistas. Trata-se principalmente de ver esse povo, ao mesmo tempo, como coletivo e individual, passível de manipulação.

Preservar o futuro racial do Brasil, sua unidade nacional e sua homogeneização forma algumas das principais preocupações dos eugenistas ao longo de toda a década de 1920, intensificadas no início do período Vargas (1930-1937). A Assembleia Constituinte (1933-1934) recebeu os resultados dos trabalhos da Comissão de Imigração, liderada por Oliveira Vianna e formada dois anos antes. Mais política do que racial, a Lei de Restrição à Imigração afetou a entrada no Brasil de asiáticos e judeus, denominados pelos eugenistas como não assimiláveis socialmente. Essa postura negativa estava de mãos dadas com a ideologia nazifascista e com as políticas imigratórias norte-americanas. Legalizada em 1934, foi retira da Constituição após a o golpe do Estado Novo, em 1937, em borá o comprometimento com a eugenia ainda fosse uma política de Estado, que só recuaria após a adesão do Brasil ao bloco do Aliados na Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942.

Fonte: DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo*, 2013, p. 117-120 (adaptado)

PARA SABER MAIS...

Sobre o projeto de branqueamento no Brasil e para conhecer o texto original da Lei de Imigração de 1890 – promulgada após a abolição da escravidão e a proclamação da República – que restringia a entrada de imigrantes asiáticos e africanos no país, confira as páginas 11 e 13 do caderno *Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo – vol. 1. Racismo científico no Brasil e no mundo* disponível no site do PIBID Filosofia.
Acesse o link: http://media.wix.com/ugd/8c4916_3f4c248607644424927be4f92f9fb130.pdf

[RAÇA E COR]

por *Aníbal Quijano*

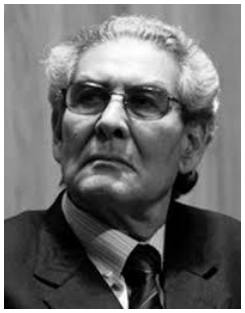
Antes de tudo, é fundamental abrir de par em par a questão do termo "cor" enquanto algo que se refere às características das pessoas. A própria ideia de "cor" nesta relação é um construto mental.

A história da construção social da "cor" nas relações sociais ainda está, certamente, por ser feita. Não obstante, existem suficientes indícios históricos para que possamos assinalar que a associação entre "raça" e "cor" é tardia e tortuosa. A ideia de "cor" é anterior e não tem originalmente uma conotação "racial". A primeira "raça" são os "índios" e não há documentação alguma que indique a associação da categoria índio com a categoria de "cor".

Afirmo aqui que a ideia de "raça" nasce na "América" e originalmente se refere às diferenças entre "índios" e conquistadores, principalmente "castelhanos". As primeiras pessoas dominadas a que os futuros europeus aplicam a ideia de cor não são, sem dúvida, os "índios". São os escravos sequestrados e negociados desde as costas do que agora se conhece como África, e aos quais se chamará "negros". Mas, ainda que sem dúvida pareça agora estranho, não foi a eles que originalmente se aplicou a ideia de "raça", apesar de que os futuros europeus já os conheciam muito antes de chegar às costas da futura América.

QUIJANO, Aníbal. *Que essa tal de raça?*, 1999
Tradução de Renato Emerson dos Santos

castelhano: "conquistadores" do reino de Isabel Castela da Espanha e uma das línguas oficiais em países da América Latina e Espanha.



ANÍBAL QUIJANO OBREGÓN

Nascido em 1928 na província de Yungay no Peru, Quijano (lê-se kirrâno) é um sociólogo e teórico político do pensamento decolonial, alguns conceitos como "colonialidade" e "decolonialidade do poder" são parte importante de sua obra. Atualmente é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Binghamton, Nova York, EUA, e da Universidade de San Marcos, Lima, Peru.

A ÁFRICA SERVIDA NA MESA DA EUROPA

Seguindo os passos da Inglaterra, um belo dia a Europa descobriu que a escravidão era uma ofensa aos olhos de Deus.

Então a Europa lançou África afora, a conquista colonial. Antes, os homens das terras frias não haviam passados dos portos onde compravam negros, mas naqueles anos os exploradores abriram caminho nas terras quentes, e atrás deles chegaram os guerreiros, montados nos canhões, e depois deles, os missionários, armados de cruzes, e atrás deles os mercadores. As cataratas mais prodigiosas e o lago mais imenso da África foram chamados de Vitória, em homenagem a uma rainha não muito africana, e os invasores batizaram rios e montanhas, acreditando que descobriam o que viam. E então deixaram de ser chamados de escravos os negros submetidos ao trabalho escravo.

Em 1885, em Berlim, depois de um ano de muito pugilato, os conquistadores conseguiram chegar a um acordo sobre a partilha.

Três décadas depois, a Alemanha perdeu a Primeira Guerra Mundial e também perdeu as colônias africanas com as quais tinha sido contemplada: britânicos e franceses dividiram o Togo e Camarões entre si, a atual Tanzânia passou para mãos britânicas e a Bélgica acabou ficando com Ruanda e Burundi.

Naquela época, fazia tempo que Friedrich Hegel havia explicado que a África não tinha história e que só podia interessar *para o estudo da barbárie e da selvageria*, e outro pensador, Herbert Spencer, sentenciara que a Civilização devia apagar as raças inferiores do mapa, *porque seja humano ou seja bruto, qualquer obstáculo deve ser eliminado*.

Chamaram-se era de paz mundial as três décadas desembocaram na guerra de 1914. Nesses doces anos, a quarta parte do planeta foi parar no papo de meia dúzia de nações.

Eduardo Galeano. *Espelhos – uma história quase universal*, p.219.

* Pugilato: luta com os punhos, lutas a soco ou a murros.

O JARDINEIRO

No final de 1967, num hospital da África do Sul, Christian Barnard transplantou pela primeira vez um coração humano e se transformou no médico mais famoso do mundo.

Numa das fotos, aparece um negro entre seus ajudantes. O diretor do hospital explicou que era um infiltrado.

Naquele tempo, Hamilton Naki morava num barracão sem luz elétrica nem água corrente. Não tinha diploma, nem mesmo havia terminado a escola primária, mas era o braço direito do doutor Barnard. Trabalhava ao seu lado em segredo. A lei ou o costume proibia que um negro tocasse carne ou sangue de brancos.

Pouco antes de morrer, Barnard reconheceu:

- *Tecnicamente, talvez ele fosse melhor do que eu.*

Afinal, sua façanha não teria sido possível sem aquele homem de dedos mágicos, que tinha ensaiado o transplante de coração, várias vezes, com porcos e cães.

Nas planilhas do hospital, Hamilton Naki aparecia como jardineiro.

E como jardineiro se aposentou.

Eduardo Galeano. *Espelhos – uma história quase universal*, p.311.

CRÉDITOS

Bolsistas:
Ada Cristina Ferreira
Ana Stela Rossito Carneiro
Douglas Castro de Jesus
Noah Antônio Moreno de Lima,
Odilio Rodrigues Monteiro Neto
Pietra Miranda Buelli
Victoria Castilho Ventura.

Professor supervisor
Prof. Juarid Candido
E.E. Francisco A. Ferreira Mendes

Professor coordenador
Prof. Rodrigo Marcos de Jesus
Departamento de Filosofia UFMT

www.pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt

PIBID - Filosofia UFMT

pibidfilosofiaufmt@gmail.com

Pibid Filosofia Ufmt Cuiabá